

Biografia

Hugo Dinis nasceu em 1977, Lisboa, Portugal. Licenciou-se em Artes Plásticas – Pintura (1998/2004), na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Portugal. É Pós-graduado em Estudos Curatoriais (2005/06), na mesma Faculdade e na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Actualmente frequenta a Programa Doutoral em Estudos Artísticos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Artes Visuais e Comunidade Reflexões em torno de um processo pedagógico

José Pedro Regatão*

Escola Superior de Educação de Lisboa
CIEBA/FBAUL – ESELx/IPL
Portugal

Kátia Sá**

Escola Superior de Educação de Lisboa
Portugal

Teresa Matos Pereira***

Escola Superior de Educação de Lisboa
CIEBA/FBAUL – ESELx/IPL
Portugal

* Professor Adjunto Convidado na
ESELx Email: artline2000@hotmail.com
** Email: ksa@eselx.ipl.pt Professora
Adjunta Convidada na ESELx
*** Email: tpereira@eselx.ipl.pt
Professora Adjunta na ESELx

1. Introdução

O presente artigo contempla uma síntese e reflexão acerca do trabalho desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Artes Visuais e Comunidade (AV e C), ao longo do ano letivo 2014/2015. Esta UC integra-se no plano de estudos da Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias da Escola Superior de Educação de Lisboa, enquanto UC eletiva (opcional) contando inicialmente com 30 alunos inscritos, dos quais 27 concluíram (25 através de frequência e 2 por exame).

A UC é lecionada por uma equipa de três docentes cuja formação, nos vários domínios das artes visuais (pintura, escultura, multimédia), possibilita abordagens abrangentes e transdisciplinares – com vista a dar resposta à complexidade e multiplicidade das propostas de trabalho – complementadas com a realização de seminários abertos à comunidade que contam com a presença de artistas, agentes culturais, investigadores, representantes de ONG, autarquias, etc., convidados a partilhar experiências.

Em AV e C pretende-se o desenvolvimento de abordagens transdisciplinares nos domínios das artes visuais que possibilitem uma compreensão mais alargada do seu papel na expressão do desenvolvimento comunitário. Neste sentido, através do estabelecimento de parcerias com diferentes comunidades e atores procurou-se conceber, desenvolver e implementar projetos que articulassem diretamente a diversidade de linguagens visuais e plásticas, exploradas no âmbito das práticas artísticas e o contato com contextos reais de intervenção, recorrendo à recolha, mapeamento e processamento de diversos componentes (tangíveis e intangíveis) que definem e identificam uma determinada comunidade – seus interlocutores, necessidades, motivações, construções identitárias e memória coletiva. Com estes projetos procurou-se proporcionar a todos os intervenientes um conjunto de experiências diversas de intervenção em espaços urbanos e/ou rurais, através de processos exploratórios e colaborativos de natureza variada que visam a transmissão e partilha de saberes sociais, criativos, técnicos, artísticos.

Deste processo pedagógico resultaram 6 projetos de características diferenciadas que emergiram de propostas de atuação lançadas pelas comunidades e/ou seus interlocutores – expressando, através de problemáticas diferenciadas, intersubjetividades e motivações particulares.

2. A arte como espaço de partilha

A reivindicação de uma função social para a arte remonta à época do Construtivismo Russo (1913-1930), movimento que colocou em questão a imagem do objeto artístico como algo sacralizado em defesa de uma arte aberta à sociedade que promovesse a experiência e participação do espetador. Ao longo da história, diversos artistas debateram-se por esta noção, como é o caso dos Situacionistas, Duchamp, Allan Kaprow, Joseph Beuys, entre outros (Jacob, 1995, p. 19). Eles não só viriam a defender a aproximação da arte ao contexto social, como a impulsionar a relação efetiva entre a arte e a vida, com propostas de uma arte baseada no diálogo e na interação humana. No manifesto da Internacional Situacionista (1960), está patente essa premissa, quando é declarada uma posição contra a “arte unilateral”, uma arte “sem resposta”, marcada pela falta de comunicabilidade com o espetador (Internationales Situationniste, 1960).

A partir dos anos 60, a arte deixa de ser entendida como um discurso unilateral, para passar a ser vista como um diálogo constante entre o artista e a audiência. A obra de Beuys, por exemplo, foi responsável por uma aproximação decisiva entre a arte e o público, ao encarar a atividade artística como portadora de uma função social, procurando, assim, através das suas performances e rituais, “manifestar a energia coletiva” (Borier, 1996, p. 28.). O artista alemão reconhecia na arte o poder de transformar a sociedade e contribuir para a sua transformação. A UC Artes Visuais e Comunidade é herdeira destas ideias, que não só alteraram o modo como vemos a arte, como contribuíram para o próprio alargamento dos limites convencionais das artes plásticas. Como o próprio nome sugere, Artes Visuais e Comunidade caracteriza uma prática artística dirigida e desenvolvida em conjunto com as comunidades, cujo objetivo principal é explorar formas de diálogo e de interação direta com as pessoas através da arte. Isto significa que esta deixou de ser entendida como uma expressão individualizada de cariz autoral, para ser desenvolvida em estreita relação com um grupo de indivíduos que assumem a coautoria da obra em parceria com o artista. Neste sentido, podemos afirmar que é uma modalidade que promove o envolvimento da sociedade na criação artística, através da criação de meios operativos de colaboração com a comunidade.

Contrariamente à experiência estética proporcionada pela arte no museu, nas AV e C “o significado ou o valor artístico da obra deixou de residir no próprio objeto” (Kwon, 2002, p. 95) para se manifestar no processo de interação social. Na verdade, o processo colaborativo é tão importante quanto o objeto final, na medida em que é responsável pela experiência coletiva da qual emerge a verdadeira energia criativa. É no decurso deste processo que se desmistifica o próprio papel da arte, ao tornar a sua concretização acessível à sociedade, promovendo um espaço de partilha onde todos os indivíduos podem assumir o papel de artistas.

Esta aproximação da arte ao contexto social representa, também, uma oportunidade para os artistas se relacionarem com o quotidiano das populações, da chamada vida pública, e conhecer de perto as realidades sociais e humanas das diferentes comunidades. Para além de interferir diretamente no mundo, um dos principais desígnios na AV e C é estimular a criação de novas formas de diálogo e de interação entre os indivíduos, funcionando como catalisador da mudança social. A propósito desta noção, vale a pena recordar a frase de Herbert Marcuse “A arte não pode mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança da consciência e impulsos dos homens e das mulheres, que poderiam mudar o mundo” (Marcuse, 1999, p. 39).

Para concluir, as AV e C pode ter um amplo papel na sociedade, quer do ponto de vista artístico, ao proporcionar novas experiências e estimulantes formas de expressão coletiva, quer em termos sociais, através da valorização da função humana e social da arte.

3. Metodologias e Processos

O desenvolvimento da UC baseou-se na realização de projetos de intervenção em espaços públicos de natureza variada (urbanos, rurais, etc.), apoiados por seminários de enquadramento às diversas ações. Foram assim mobilizadas metodologias de trabalho projetual que procuram responder a um conjunto de problemáticas associadas aos diferentes contextos de intervenção pressupondo, finalmente, uma transversalidade entre os diversos processos criativos nas artes visuais. Neste sentido, pretendeu-se, através das metodologias desenvolvidas, uma apropriação fundamentada de um conjunto de linguagens visuais e conhecimentos práticos

que foram materializados no âmbito de ações de intervenção – assumindo, como veremos, diferentes modalidades (pintura, instalação, fotografia, multimédia, etc...)

A primeira abordagem às problemáticas relacionadas com a UC foi materializada na realização de dois seminários intitulados “Arte & Comunidade – Compromissos, Partilha e Reflexão”, os quais contaram com a presença de oradores convidados que, através da sua atividade artística, institucional ou na investigação, contribuíram com a apresentação e discussão de um conjunto diferenciado de projetos de intervenção comunitária através das artes visuais, complementando as abordagens de ordem concetual realizadas pelos docentes no contexto das aulas de enquadramento teórico. Num segundo momento procurou-se um reforço e aprofundamento das problemáticas inerentes à intervenção comunitária, designadamente aspetos de natureza prática de abordagem a diferentes contextos comunitários, as suas dimensões educativa e de cidadania bem como os impactos destas intervenções (a nível local, regional, nacional, etc...). Para tal foi promovido um 3º seminário com a mediação do Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral (CIDAC), tendo sido convidada Luísa Teotónio Pereira como representante desta ONGD.



Figura 1
Seminários “Arte & Comunidade – Compromissos, Partilha e reflexão”

O estabelecimento de parcerias com diversas entidades surgiu como etapa seguinte que possibilitou a definição conjunta de problemáticas a aprofundar através da realização dos projetos. Estas problemáticas emergiram da auscultação e diálogo com as diversas comunidades e/ou seus representantes institucionais e traduziram-se em pontos de partida para a conceção de propostas de intervenção pelos estudantes. Neste sentido foi criada uma “bolsa de projetos” (Quadro 1) com as respetivas problemáticas associadas de modo a que os estudantes, em

grupos de trabalho, pudessem escolher a proposta que mais lhes interessasse. Na criação desta “bolsa de projetos” verificou-se uma preocupação em oferecer um leque de propostas que pudessem compreender, além de um conjunto de contextos comunitários diferenciados, áreas de intervenção desde a *street art* à *land art*, passando pela recolha etnográfica, memória coletiva ou reabilitação de técnicas artesanais.

Após a escolha dos projetos realizaram-se as primeiras visitas aos contextos de intervenção com vista ao reconhecimento do território, estabelecimento de uma primeira aproximação e recolha de elementos de natureza vária (documentais, testemunhais, visuais, etc.) que viriam a integrar os processos criativos inerentes à conceção e concretização dos projetos. Neste momento, foi entregue um “diário de bordo”, a cada grupo, (Figura 2) para registo de informação útil, imagens, impressões, reflexão, etc. que acompanhou os processos de trabalho, devolvido no final dos projetos.

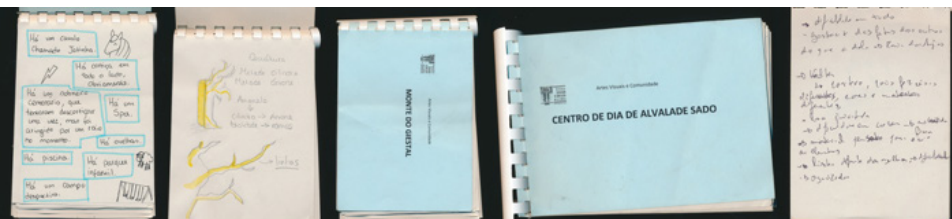


Figura 2
Diários de bordo

A esta recolha de elementos, realizada aquando da primeira visita, somaram-se outras visitas pontuais bem como a recolha de material de arquivo, visual, etc. que sustentou a conceção de cada projeto.

A implementação dos projetos realizou-se durante uma residência artística de 3 dias nos diferentes contextos, entre os dias 13 e 17 de maio de 2015, de acordo com cada projeto, como veremos seguidamente. A residência artística possibilitou a realização de uma permanência e trabalho efetivos, nos diferentes contextos comunitários, integrando diferentes processos e abordagens que conduziram ao desenvolvimento de aprendizagens, através da experiência vivencial e do enriquecimento dos discursos artísticos pelo contacto com diferentes formas de pensar e agir. Facultou ainda percecionar

a receção e modalidades de participação das comunidades, bem como a realização de um balanço em grupo que posteriormente permitiu refletir acerca das contingências, constrangimentos mas também potencialidades e legitimidade de intervenções desta natureza.

Para a comunicação dos projetos, metodologias e processos, a um público mais alargado, foi criado um blogue disponível em <http://eselxartecomunidade.blogspot.pt>.

BOLSA DE PROJETOS / PROBLEMÁTICAS

| PROJETO | LOCAL | PROBLEMÁTICA | INTERLOCUTORES | SUPERVISOR | GRUPO |
|---|---|--|--|-------------------------------|----------------------|
| 1- Memória Imaterial - arquitetura | Lagoa de Sto. André. Conc. de Santiago do Cacém | Técnicas de construção das cabanas de pescadores da Lagoa de Santo André: memória social/antropológica. | Presidente da associação dos pescadores | Kátia Sá | 1 grupo de 3 alunos |
| 2- Memória Imaterial - Ruralidade | Museu do Trabalho Rural - Abela. Conc. de Santiago do Cacém | Confronto entre a memória do trabalho e a memória materializada nas coleções museológicas. A Identidade e o museu. | José Matias | Teresa Pereira | 1 grupo de 3 alunos |
| 3- Memória literária de Cerromaior | Santiago do Cacém. Parque da Quinta do Chafariz | Inscrição no espaço urbano de excertos da obra A Cerromaior | José Matias | Teresa Pereira | 1 grupo de 3 alunos |
| 4- Técnicas artesanais - trabalho colaborativo | Alvalade Sado - Casa do povo | Criação de uma peça utilizando e interpretando a técnica da trapologia | Utentes da Casa do Povo de Alvalade Sado | Kátia Sá/Teresa Pereira | 1 grupo de 4 alunos |
| 5- Monte do Giestal | Monte do Giestal - Casa de campo & Spa | Criação de uma obra de land art tendo como referência o montado e a cortiça | Monte do Giestal | José Regatão | 1 grupo de 3 alunos |
| 6- Reciclar o Olhar | Lisboa | Intervenção em vidros | GAU | José Regatão / Teresa Pereira | 2 grupos de 3 alunos |
| 7- ESELx | Lisboa | Intervenção no campus do IPL | ESELx | Kátia Sá / José Regatão | 2 grupos de 3 alunos |
| 8- MARGEM - A.s. de artistas plásticos do conc. de Almada | Almada | Trabalho colaborativo com os artistas associados | | | 1 grupo de 3 alunos |

Quadro 1

4. Os Projetos

Os projetos escolhidos pelos grupos de estudantes, de entre aqueles que integravam a “bolsa de projetos”, desenvolveram-se, na sua maioria (cinco) no concelho de Santiago do Cacém, situado no Alentejo Litoral. Neste âmbito cinco dos seis projetos finais decorreram em diferentes freguesias do concelho: Alvalade Sado, Santo André, Abela e Santiago do Cacém sendo que o sexto projeto se concretizou na freguesia de Benfica, em Lisboa.

Seguidamente será realizada uma breve abordagem a cada um dos projetos, considerando as modalidades de intervenção, participação da comunidade, processos de trabalho e resultados finais.

4.1 Alvalade Sado

O projeto “A Cor da Idade” envolveu utentes do Centro de Dia de Alvalade de Sado, a cargo dos estudantes Anastasia Mironas, Artur Almeida, Joana Pedreira, Sara Abreu e Sofia Mendes.

Nesta vila alentejana, com uma atual população maioritariamente idosa, procurou-se a interação com a população do Centro de Dia, um contexto associado à Casa do Povo que, diariamente, acolhe habitantes locais e vizinhos que aí podem receber cuidados de higiene, saúde e alimentação e dedicar-se a atividades diversas tais como: ginástica de grupo, hidroginástica, ateliers artísticos, bailes temáticos, coro, marchas e outras atividades externas, ajudando a combater o isolamento, promovendo a atividade e a participação na comunidade.

Dando resposta a um desafio pré-lançado, a ideação e conceção de um painel decorativo para integrar o novo espaço ERPI (Estrutura Residencial para Pessoas Idosas) de Alvalade Sado, este grupo de estudantes envolveu o grupo sénior que participa, voluntariamente, nas atividades do Centro de Dia, num processo criativo, colaborativo, contando com a colaboração de Valter Guerreiro, o animador sociocultural do centro.

O projeto desenvolveu-se assim em 3 momentos de trabalho:

- visita dos estudantes ao Centro de Dia de Alvalade para um primeiro contacto, apresentação e recolha de imagens dos utentes;
- visita dos utentes do Centro de Dia à Escola Superior de Educação de Lisboa, com vista a conhecer a escola e realizar uma sessão de trabalho em conjunto com os estudantes;
- residência dos estudantes no Centro de Dia para a conclusão do painel coletivo.

Sensíveis ao sentido de pertença e de proximidade, comumente inerentes ao contexto de uma pequena comunidade, elegemos o autorretrato para tema do painel, promovendo e valorizando o “jogo do reconhecimento do outro”. O projeto contou com cerca de vinte e seis participantes, com idades compreendidas entre os 65 e os 90 anos. A primeira visita ao Centro fomentou a partilha de histórias de vida destas pessoas cuja memória se demarca pelo trabalho árduo, tanto doméstico, como no campo, em fábricas e/ou na costura – na qual recorremos ao registo de foto e vídeo. Como metodologia

de abordagem inicial, sugerida pelo Valter, os estudantes questionaram individualmente os utentes sobre a preferência de cor, de uma paleta pré-selecionada (amarelo, vermelho, verde e azul, respetivamente as cores do novo lar) e ainda sobre as suas memórias associadas a essa escolha, servindo o pretexto para uma prévia ideação cromática para o autorretrato a realizar. Num pequeno cartão da cor escolhida, os estudantes tomaram notas relativas às memórias de cada utente, apontando o nome da pessoa a que este correspondia. Em complemento, fizeram uma foto de perfil a cada participante, à qual, mais tarde, associaram a cor preferida. A sessão serviu ainda para a apresentação do grupo de estudantes, bem como explanação da ideia inicial do projeto colaborativo, solicitando às pessoas o seu envolvimento, a sugestão de ideias e ainda a seleção de materiais prevendo nova sessão de trabalho – recolha de retalhos de tecido. O recurso plástico sugerido pelos estudantes foi a matéria têxtil, com base nas técnicas de costura basilares, que tanto estes como a maioria dos participantes dominariam. Ficou então decidido que o painel resultaria de uma composição modular de autorretratos concebidos em tecido.

A segunda sessão de trabalho decorreu no espaço da ESELx, invertendo a unilateralidade do esforço de contato e adicionando ao projeto um momento rico de partilha de realidades e de experiências. Antecipando o encontro, foram feitas impressões A3 das fotos de perfil dos participantes, previamente editadas e simplificadas. Foi a partir do recorte dessas imagens que cada um iniciou o processo criativo de composição do autorretrato, escolhendo entre os tecidos solicitados, as cores, texturas e padrões com que mais se identificava.

Posteriormente, quando da residência no Centro de Dia que, generosamente nos acolheu, procedemos às subsequentes fazes de colagem do perfil, corte e costura dos tecidos, composição de cada modulo, acabamentos e, finalmente, união das partes que constituem o painel. Importa ainda referir que as diferentes propostas dos estudantes para a configuração final do painel foram votadas por todos. As sessões de trabalho contaram com a mediação dos estudantes, da docente que acompanhou o projeto, do animador sociocultural e de uma estagiária, no sentido de uniformizar procedimentos, clarificar objetivos e ajudar a ultrapassar dificuldades técnicas – ao nível da motricidade fina.

Com grande envolvimento de todos e espírito de entreatajuda, o projeto cumpriu-se em tempo útil, culminando numa reflexão

final, conjunta, em que os vários aspetos foram referidos pelos estudantes e participantes, que descreveram a experiência como única e gratificante, a todos os níveis, destacando-se o humano. Menos positivas terão sido as dificuldades sentidas por alguns utentes em acompanhar a exigência dos processos, ao nível técnico e a complexidade em coordenar o trabalho sentida pelos estudantes, tendo em conta o número de participantes, a linha temporal disponível e sua inexperiência para antever algumas situações. Todavia, no tocante ao resultado final, todos se mostraram surpreendidos com o painel realizado que consideram “diferente e bonito”.

É ainda de referir que, ao longo de todo o processo, os utentes demonstraram-se recetivos à nossa presença e intervenção, participando genuinamente. O dito painel, esse encontrou o seu lugar no novo Lar, algumas semanas depois da nossa residência.



Figura 3
Projeto “A Cor da Idade”

4.2 Costa de Santo André

Projeto em torno da memória da construção tradicional das cabanas dos pescadores da Costa de Santo André que aí se estabeleceram, no início do século XX, provenientes da zona de Aveiro e construíram as suas habitações com materiais e recursos disponíveis no local, tais como, madeira, caniço e estorno. O aglomerado de cabanas da Costa de Santo André partilha da mesma realidade de outros povoamentos do litoral de Portugal que surgiram durante a segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX, com ligeiras diferenças de região para região: entre Espinho e Leiria, na Costa da Caparica, na Fonte da Telha, em Alcácer do Sal, ao longo do Sado entre a Comporta e a Lagoa de Santo André e no Algarve ao longo da Ria Formosa até

Armação de Pêra (Escoval, 2003). Estas construções desapareceram mediante a alteração do modo de vida dos seus habitantes, melhoria das condições socioeconómicas e integração de novos materiais de construção, mais duráveis pelo que, o presente projeto incidiu na memória da sua evolução até ao bairro atual

O projeto contou com duas vertentes:

- a realização de um conjunto de placas de azulejo a partir das placas de sinalização da toponímia do atual bairro da Costa de Santo André, que serviram como detonadores de memórias e referências junto dos moradores de cada rua. Cada morador foi convidado a intervir nas placas de azulejo com vista a criar um objeto que expressa/materializa essa memória coletiva;
- recolha de áudio e vídeo de todo o processo inerente ao contacto com moradores e intervenção nas placas de azulejo, visando a concretização de um vídeo documental.

“Memórias das Cabanas da Lagoa de Santo André” esteve a cargo dos estudantes Bernardo Monteiro, Inês Ferreira e Susana Rodrigues, mediado, de forma participada, pela docente que os acompanhou na residência, atualmente responsável pela edição do vídeo documental. Investigando a memória imaterial arquitetónica das referidas construções primitivas, o grupo de estudantes calcorreou o atual bairro, interpelando vários moradores, capturando “memórias avulso” daqueles que vivenciaram “belos tempos” em que se era “feliz com tão pouco”. Esta intervenção intenta a sustentação de uma memória em risco de perda, mas também a sustentação do orgulho e esperança (Adams & Goldbard, 2006) de uma comunidade que vivenciou uma realidade, física e afetiva, desaparecida na sua totalidade, e que, por esse motivo, está afeta a um sentimento de desterro. O primeiro contacto com a história do local, da lagoa, da pesca e das construções primitivas, foi mediado por José Matias, responsável pelo Museu do Trabalho Rural de Abela que, generosamente, partilhou conhecimento, introduziu fatos históricos do local e ofertou documentação existente, de grande valor. O mesmo mediou ainda o primeiro contato com o atual bairro de pescadores, organizando uma visita ao Sr. Júlio, artesão local, que organizou uma mostra do seu artesanato, junto ao muro de sua casa, na qual pudemos ver algumas miniaturas destas construções primitivas.

O subsequente contato com a comunidade do bairro, durante o período de residência dos estudantes, incidiu numa abordagem direta, “porta a porta”, visando a realização de um vídeo documentário. Procedendo ao registo de vídeo e áudio, separadamente, ao longo de dois dias consecutivos, procurámos pessoas para entrevistar que tivessem sido moradores do antigo bairro. Com ajuda da própria comunidade de moradores, e do acaso, conseguimos encontrar cinco das pessoas cujas memórias mais antigas remontam às vivências no bairro original: António Pereira, Maria da Luz, Maria Domingues, Maria Rosa, Júlio Sabino e Maria Fátima Cruz.

Os relatos na primeira pessoa, as fotografias ou os postais antigos, os adereços, as roupas, os utensílios de cozinha, de pesca, complementaram-se com os desenhos descritivos que alguns dos entrevistados acederam inscrever nas placas de azulejo, previamente preparadas para o efeito. Os próprios alunos entrevistaram também, apontando nessas placas os detalhes visuais de algumas descrições. Um processo de interação que nos fez viajar ao tempo em que existiram Cabanas e gentes nas dunas da Costa de Santo André. As placas de azulejos materializam agora uma memória coletiva, tendo sido os veículos de interação, epígrafes de contato com a comunidade, que corporizam sobretudo os processos de partilha dessa memória, que registámos em áudio e vídeo.

É de salientar o impacto desta experiência no grupo de estudantes que congeminou um processo criativo para apreender uma determinada realidade, completamente diferente da sua, inteirando-se de forma direta das vivências do passado destas pessoas, noutra época e contexto. No processo, foi possível observar que o método excedeu as expectativas do grupo e que a mediação de dispositivos de captura de áudio e imagem intensificou a sua experiência de contacto com a população, aproximando-os da realidade destas pessoas, corroborando empatia pelo património imaterial em causa. Subsequentemente, ressaltamos também o fechamento que se sente numa comunidade deste género – descontinuada – que, contudo, sabe abrir-se à intromissão daqueles que exaltam a sua história, ainda que de forma tão espontânea.



Figura 4
“Memórias das Cabanas da Lagoa de Santo André”

4.3 “Linhas de Cerromaior”

O projeto “Linhas de Cerromaior”, realizado por um grupo de 6 elementos, Ana Rita Henriques, Ana Sofia Matos, Bruna Pimenta, Inês Silva, Mariana Santos e Patrícia Ribeiro, assumiu como referência simbólica/espacial a Rota histórico-literária de Cerromaior existente em Santiago do Cacém. Este percurso revisita os lugares vivenciais e espaços evocados por Manuel da Fonseca no seu romance Cerromaior (1943) onde o autor descreve não só o espaço físico mas a geografia humana de uma vila alentejana na década de 30 do séc. XX.

Assumindo o encadeamento entre a literatura e o espaço, designadamente na obra referida, bem como a ligação entre a memória cultural de Santiago do Cacém e a obra de Manuel da Fonseca (de onde era natural), o grupo de estudantes assumiu como ponto de partida a criação de um projeto de escrita na paisagem urbana que materializasse essa ligação.

Neste sentido o grupo começou por selecionar excertos da obra e relacioná-los com lugares específicos da Rota, reativando o discurso literário sobre o espaço urbano, mas tendo em mente a conversão do texto a expressões curtas de modo a criar uma faixa de ambiguidade que impedisse uma leitura imediatista e convocasse o transeunte a estabelecer a ligação com a referência literária inicial.

A proposta foi a realização de uma intervenção efémera em que uma linha conduzia o olhar e os passos do visitante ao longo da Rota, convocando-o à leitura dos excertos textuais colocados em zonas estratégicas. Esta proposta, discutida inicialmente com representantes da autarquia, foi submetida a uma verificação prévia junto da comunidade. Neste sentido, no primeiro dia da residência artística e utilizando alguns objetos

de comunicação (cartazes e folhetos) foi feita uma auscultação aos habitantes do Centro Histórico de Santiago do Cacém, comerciantes, etc... pelo grupo de estudantes, acompanhado por uma técnica superior da Câmara Municipal com vista a divulgar o projeto e averiguar a receção do mesmo junto da comunidade. Dada a receção globalmente positiva à intervenção e tendo sido proposta a participação de habitantes locais, foi concretizada uma intervenção efémera (a giz) no percurso literário de Cerromaior. A opção pelo desenho a giz baseou-se numa modalidade de atuação que tradicionalmente é utilizada na street art, sobretudo quando se trata de intervenções em pavimentos de natureza pública.

O projeto integrou, para além da intervenção no pavimento, com outras intervenções onde os habitantes e/ou transeuntes eram convidados a deixar uma marca da sua passagem pelo lugar. Exemplo disso é o conjunto de folhas em papel que colocadas no edifício conhecido como “a casa da heras” traduzem o culminar do percurso assinalado. Aqui o grupo escolheu uma passagem do texto onde se pode ler de forma enigmática, “apontavam-se nomes”. Os habitantes foram então convidados a deixar o nome nas pequenas folhas, posteriormente colocadas entre a vegetação que cobre as paredes da casa.

Desta forma, foi possível transpor para um plano material uma memória partilhada dos lugares, mediada pelo discurso literário, que convoca outras dimensões de ordem estética, plástica e comunicacional.



Figura 5
Projeto “Linhas de Cerromaior”

4.4 Museu do Trabalho Rural – Memória e oralidade

O Museu do Trabalho Rural localiza-se na freguesia de Abela (Concelho de Santiago do Cacém) tendo sido inaugurado em 2008. O Museu procura, através dos objetos expostos, transmitir a memória de uma sociedade rural que conheceu profundas alterações nas últimas décadas, ainda que se mantenha enraizada num sentido de pertença ao território, transposto para as texturas da identidade coletiva local. Não dispendo de uma coleção própria, o Museu integra um conjunto de alfaias agrícolas e outros objetos ligados ao “trabalho do campo” que resultam do empréstimo por parte da comunidade onde se insere. Considerando uma dupla dimensão tangível/material e intangível/imaterial que integra a conservação das memórias partilhadas de um quotidiano ligado ao trabalho rural, o grupo composto pelas estudantes Carina Custódio, Gabriela Lima e Márcia Fernandes, procurou interligar estes dois níveis de abordagem à problemática da memória. Assim o projeto englobou duas vertentes. Por um lado, a criação de uma instalação no painel da fachada do Museu a partir de imagens de algumas peças que integram a exposição. Esta instalação procura trazer para o exterior os objetos que se encontram no interior do espaço museológico, convidando os transeuntes a entrar e melhor conhecer os instrumentos pertencentes ao universo do trabalho rural. Por outro, a realização de um vídeo que resultou da recolha de testemunhos de pessoas que, pertencendo a esta comunidade, mantêm vivas as memórias de um tempo não muito longínquo. O registo vídeo constituiu-se como uma primeira abordagem à recolha necessária e mais vasta, da oralidade que visa complementar e conferir um sentido contextual aos objetos expostos.



Figura 6
Projeto Museu do trabalho Rural de Abela, memória e oralidade

4.5 Monte do Giestal – “Yellow Roots”

O Monte do Giestal é uma unidade de turismo rural situada no Alentejo litoral, no concelho de Santiago do Cacém, enquadrada por sobreiros que se estendem por uma área de cerca de 71 hectares. A herdade composta por um conjunto de dez casas de campo com traça tipicamente alentejana preserva as características rurais da região oferecendo serviços de hospedagem e animação turística.

A primeira fase do projeto consistiu na visita à herdade com o objetivo de conhecer as características desta unidade turística e proceder à recolha de toda a informação histórica e ambiental existente no local. O percurso incluiu a visita às instalações e terreno envolvente, sendo acompanhado pelo registo fotográfico e a descrição dos aspetos mais característicos deste espaço rural. Nesse âmbito, foi possível ao grupo de três alunas, Alexandra Silveira, Joana Coelho e Mariana Quarela, inteirar-se da diversidade cultural e ambiental desta comunidade, assim como compreender a importância da sustentabilidade no desenvolvimento desta modalidade turística. Durante a visita foi definido o local e a área de ocupação da intervenção artística, assumindo o compromisso de utilizar os recursos locais e os materiais típicos da região. O projeto desenvolveu-se em torno de dois eixos principais, o caráter físico e ambiental da herdade, tendo em vista a plena integração da obra no seu contexto, e a criação de formas de envolvimento e participação da comunidade turística. Desde logo, as estudantes pensaram em desenvolver uma intervenção artística que utilizasse como suporte físico os elementos naturais da herdade (pedras, troncos, terra), procurando inspiração na *Land Art*, movimento artístico que viria a eleger a natureza como matéria-prima e influenciar a história de arte do século XX.

Com base numa linguagem que valoriza as qualidades plásticas e perceptivas da matéria, foram desenvolvidos diversos esboços onde se ensaiaram composições formais, em função do espaço e da presença do espetador. O projeto escolhido contemplou um tronco de oliveira disposta horizontalmente no solo, a partir do qual emergem um conjunto de elementos plásticos: um banco esculpido em taipa que encobre parcialmente a raiz, diversas incisões no tronco e a sugestão de um percurso através de um conjunto de rodela de madeira dispostas no chão. Para além do evidente sentido telúrico, a

obra apresenta-se aqui como metáfora da vida, no sentido em que propõe um caminho que atravessa o tronco (uma linha amarela que sugere a seiva) e termina nos fragmentos dispostos no chão.

Da Giesta, planta que dá nome à herdade, provém a cor amarela que caracteriza a paleta cromática da intervenção plástica, funcionando como elemento unificador de toda a obra. O caráter reflexivo do trabalho aparece representado nas palavras soltas – “Eu Sinto”, “Felicidade”, “Calma” – e através dos diversos desenhos impressos nas rodela com *stencil*. A expressão “Eu Sinto”, impressa no primeiro fragmento, dá o mote aos visitantes para deixarem a sua marca no local e exprimirem as sensações e estados de alma deste encontro com a natureza. Deste modo, a comunidade é convocada a participar ativamente no trabalho, por meio de um conjunto de palavras e pictogramas (em *stencil*) colocados à disposição pelo grupo de estudantes, permitindo ao espetador ser um co-produtor da obra e imprimir a sua expressão individual.



Figura 7
Projeto “Yellow Roots”

4.6 “Reciclar o Olhar”

Outro dos projetos desenvolvidos na UC de Artes Visuais e Comunidade, intitulado “Reciclar o Olhar”, consistiu na intervenção artística em seis vidrões na freguesia de Benfica, disponibilizados pela Galeria de Arte Urbana (GAU), através de uma parceria com a Câmara Municipal de Lisboa. A realização deste projeto envolveu um grupo de cinco elementos, Alcinda Moreira, Luís Costa, Ricardo Cardoso, Sara Carvalho e Tiago Santos. Na primeira fase, os estudantes dedicaram-se à idealização do projeto, através da apresentação de propostas que problematizavam o diálogo entre este objeto e

a cidade, tendo sempre presente o interesse em conhecer e estabelecer relações com aquela comunidade. Para aprofundar o conhecimento sobre a freguesia, foi desenvolvida alguma investigação que resultou numa recolha de motivos decorativos e iconográficos que caracterizavam o património arquitetónico. Após esse interesse inicial, o projeto “Reciclar o Olhar” prosseguiu no sentido de explorar a perceção visual do espetador, enfatizando a sua relação com o contexto urbano. Para esse efeito, os estudantes utilizaram a técnica artística *trompe l’oeil*, conhecida desde a Antiguidade Clássica como forma de sugerir a ilusão da realidade. Através de ilusões óticas e truques de perspetiva, os vidrões reproduziram o seu meio envolvente como se se tratassem de objetos transparentes, que se misturavam com o espaço público que os rodeia. Em vez do tradicional realismo, a intervenção artística foi desenvolvida numa linguagem moderna, por meio de uma estrutura linear que conduziu à geometrização e síntese da realidade.

Também o conteúdo dos vidrões foi trabalhado plasticamente através da sugestão de um conjunto de formas imaginárias (garrafas) pintadas em *stencil*, funcionando como estímulo à imaginação do observador. Este interessante jogo entre ocultação/desocultação, que integra o próprio espaço físico da cidade, permitiu criar uma obra artística em constante diálogo com o espetador, não só desafiando a sua perceção sensorial, como incentivando à reflexão sobre o ambiente urbano.

Por fim, importa referir o nível de interação social e comunitária que a intervenção artística em vidrões desencadeou naquela freguesia. De facto, a interação com a comunidade deu-se no decurso do trabalho, sempre que os estudantes eram interpelados com diversas questões de ordem estética, o que revela um certo reconhecimento da arte na imagem da freguesia.



Figura 8
Vidrões em Benfica, com a chancela da GAU, integrados no projeto “Reciclar o Olhar”

5. Nota Final

A aproximação a diferentes realidades sociais e culturais através da arte percebendo espaços partilhados (espaços físicos, espaços de memória e espaços de saber) constituiu-se, na perspetiva dos estudantes, como os aspetos marcantes de todo o processo de trabalho desenvolvido no contexto da UC Artes Visuais e Comunidade ao longo do ano letivo. O trabalho levado a cabo em contexto exterior ao espaço escolar, com a opção pela modalidade de residência artística para implementação dos projetos em conjunto com as diferentes comunidades, traduziu-se num somatório de desafios para todos os envolvidos. As residências artísticas, limitadas a um período de tempo de 3 dias para a conclusão e avaliação dos projetos, comportou diversos fatores que condicionaram os processos de trabalho, obrigando a respostas e soluções capazes de responder a problemas imediatos. Neste sentido houve que delinear por vezes o desvio a algumas trajetórias previamente definidas em projeto (e que no terreno se mostraram inadequadas) reajustes nas metodologias de trabalho planeadas (pois as relações interpessoais são construídas nos momentos de partilha) desafiando a capacidade de cada grupo em ajustar as suas práticas às condições experimentadas e assim poderem socorrer-se de ferramentas/conhecimentos quer adquiridos em contexto académico quer através de aprendizagens realizadas no contexto do trabalho colaborativo.

O impacto junto das diferentes comunidades pode ser apreciado de duas formas: por um lado pela relação de trabalho e interpessoal que se estabeleceu entre os diferentes grupos nos contextos de intervenção e por outro pela solicitação por parte de elementos da comunidade e/ou das instituições envolvidas para a realização de uma exposição itinerante com a apresentação de todos os projetos desenvolvidos em espaços situados nas várias freguesias onde decorreram, e que culminaria com uma reunião e apresentação/reflexão final com todos os envolvidos (estudantes, instituições, docentes, participantes das comunidades), aberta à população em geral e a realizar no Auditório Municipal António Chaínho em Santiago do Cacém. Neste sentido foi proposta a realização de uma exposição itinerante que passa pela freguesia de Abela (apropriando e espaço de uma antiga barbearia), pela Casa do Povo de Alvalade e pelo Auditório António Chaínho, no concelho de Santiago do Cacém e pela ESELx e Instituto Politécnico de Lisboa.

Finalmente, prevê-se que a sessão de apresentação e balanço final de todos os projetos e processos desenvolvidos, surja como um momento de introdução da UC aos estudantes inscritos no ano letivo 2015/16 completando, por um lado, um ciclo de trabalho e, por outro, encetando um olhar acerca das potencialidades, desafios, obstáculos, contradições e necessidade de constante adaptação, diálogo, negociação e partilha de experiências que a intervenção artística com a comunidade comportam.



Figura 9
Exposição itinerante na freguesia de Abela – espaço de uma antiga barbearia

Referências Bibliográficas

Adams, D., & Goldbard, A. (2001). *Creative community: The art of cultural development*. NY: Rockefeller Foundation, Creativity & Culture Division.

Adams, D., & Goldbard, A. (2006). *New Creative Community: The art of cultural development*. NY: Rockefeller Foundation.

Argan, G. (1988). *Arte e crítica de arte*. Lisboa: Editorial Estampa.

Borier, A. (1996). *The essential Joseph Beuys*. London: Thames and Hudson.

Campos, R. (2010). *Porque pintamos a cidade: Uma abordagem etnográfica do graffiti urbano*. Lisboa: Fim de Século.

Escoval, A. (2003). *Cabanas: Um exemplo de construção tradicional na Costa de Santo André*. Santiago do Cacém: Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

George, S., & Judikis, J. (2002). *Conversations on community theory*. Purdue: University Press.

Brenson, M., Olson, E., & Jacob, M. (1995). *Culture in action: A public art program of sculpture Chicago curated by Mary Jane Jacob*. Seattle: Bay Press.

Lacy, S. (1995). *Mapping the terrain: New genre public art*. Seattle: Bay Press.

Lippard, L. (1997). *The lure of the local: Senses of place in a multicentered society*. New York: New Press.

Marcuse, H. (1999). *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70.

Pallamim, V. (2000). *Arte urbana: Obras de carácter temporário e permanente*. São Paulo: Annablume Editora.

Resumo

A comunicação proposta sintetiza o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo 2014/15 na disciplina Artes Visuais e Comunidade, integrada na Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Em Artes Visuais e Comunidade pretende-se o desenvolvimento de projetos artísticos de intervenção em espaços públicos de natureza vária (espaços urbanos, rurais, naturais, etc.), que envolvam processos de trabalho com a comunidade atendendo às suas necessidades, motivações, construções identitárias e memória coletiva.

Prevê-se assim a possibilidade de fomentar – de acordo com a natureza de cada projeto – processos de trabalho colaborativo entre os estudantes e as diferentes comunidades, conducentes ao desenvolvimento de aprendizagens através da experiência vivencial e do enriquecimento dos discursos artísticos pelo contacto com diferentes formas de pensar e agir.

Neste sentido será realizado um balanço dos 6 projetos desenvolvidos na referida disciplina e que integraram residências artísticas nos contextos de atuação: este projetos centraram-se: 1) na realização de um painel colaborativo com os utentes do Centro de Dia de Alvalade Sado; 2) na realização de uma intervenção de *Land Art* num espaço de turismo rural (Monte do Giestal – Casas de Campo & Spa); 3) intervenção em vidrões na freguesia de Benfica em Lisboa; 4) na recolha da memória da construção das cabanas dos pescadores da Costa de Sto. André em especial da sua evolução até ao bairro atual; 5) na criação de uma instalação no painel da fachada do Museu do Trabalho Rural na freguesia de Abela, complementado pela recolha de testemunhos da memória do trabalho rural; 6) Projeto de escrita na paisagem urbana tomando como ponto de partida a Rota Literária de Cerromaior e a obra homónima de Manuel da Fonseca.

Abstract

This Communication synthesizes the work developed throughout the school year 2014/15 in the discipline Visual Arts and Community, which is part of the degree in Visual Arts and Technologies in Superior School of Education (Lisbon) Visual Arts and Community intend to develop artistic intervention projects in public spaces of various kinds (urban spaces, rural, natural, etc...), involving work processes with the

community, considering their needs, motivations, identities and collective memory.

The development of collaborative work processes between students and different communities, lead to the enrichment of learning outcomes through living experience and artistic discourses contacting with different ways of thinking and acting. This communication will take a brief overview of 6 projects developed in the discipline and integrating artist residencies. The 6 projects are: 1) a collaborative panel with seniors of the Alvalade Sado Day Centre; 2) a Land Art intervention in a rural space (Monte do Giestal – Casas de Campo & Spa); 3) intervention in glass containers in urban zone of Benfica (Lisbon); 4) memory of the construction of fishermen huts in Costa Sto. André especially its evolution to the current village; 5) creation of an installation Abela's Rural Work Museum facade panel (a rural village in Alentejo), complemented by memory testimonies of rural labor; 6) urban intervention in Santiago do Cacém, taking as its starting point the Literary Route Cerromaior and homonymous work of the writer Manuel da Fonseca.

Biografia

José Pedro Regatão

Doutoramento em Belas Artes – Arte Pública e Mestrado em Teorias da Arte pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Licenciatura em Artes Plásticas (Escultura) pela Faculdade de Belas Artes do Porto. É autor do livro Arte Pública e os Novos Desafios das Intervenções no Espaço Urbano e membro do Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes (CIEBA-FBAUL).

Kátia Sá

Doutoramento em Ciências de Educação – Multimédia em Educação – pela Universidade de Aveiro, Mestrado em Arte Multimédia, pela Universidade do Porto, Licenciatura em Escultura, pela Escola Universitária das Artes de Coimbra. Membro do Centro de Interdisciplinar de Estudos Educacionais (CIED-ESELx).

Teresa Matos Pereira

Doutoramento em Belas Artes (Pintura), Mestrado em Teorias da Arte e Licenciatura em Artes Plásticas (Pintura) pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Membro do Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes (CIEBA-FBAUL) e do Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais (CIED-ESELx).

Cantar e tocar em nome da Inclusão Viagens pelo terreno do projeto “Som da Rua”

Marta Terra

Faculdade de Belas Artes
Universidade do Porto, Portugal

Teresa Medina

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade do Porto, Portugal